

A importância social da discussão das relações étnico-raciais sob uma perspectiva geográfica

The social importance of the discussion of ethnic-racial relations from a geographical perspective

La importancia social de la discusión de las relaciones étnico-raciales desde una perspectiva geográfica

Flávia Vieira Lourenço – flavia.lourenco@sou.unifal-mg.edu.br
Mestranda em Geografia da Universidade Federal de Alfenas

Resumo

A pesquisa em Geografia tem um papel fundamental para que diversos aspectos sociais ligados ao espaço geográfico sejam colocados em evidência e debatidos com o objetivo de transformação da sociedade e elaboração de possíveis melhorias conforme o tema em questão. No caso da discussão das relações étnico-raciais, é importante buscar um olhar geográfico às questões pertinentes a mais da metade da população brasileira: os pretos e pardos. Para que a pesquisa atinja seu propósito é preciso que haja um rigor metodológico, que propicie que seus objetivos sejam atendidos. O presente trabalho tem como objetivo discorrer sobre algumas possibilidades a serem seguidas no estudo sobre as territorialidades desenvolvidas por indivíduos negros no Brasil e para contextualizar a situação socioeconômica, o racismo e a discriminação para com eles.

Palavras-chave: Método científico, técnicas de pesquisa, relações étnico-raciais, Geografia.

Abstract

Research in Geography plays a fundamental role in ensuring that various social aspects related to geographic space are highlighted and debated with the objective of transforming society and elaborating possible improvements according to the theme in question. In the case of the discussion of ethnic-racial relations, it is important to seek a geographical look at issues relevant to more than half of the Brazilian population: blacks and browns. In order for the research to achieve its purpose, there must be methodological rigor, which allows for its objectives to be met. The present work aims to discuss some possibilities to be followed in the study of the territorialities developed by black individuals in Brazil and to contextualize the socioeconomic situation, racism and discrimination towards them.

Key words: Scientific method, research techniques, ethnic-racial relations, Geography.

Resumen

La investigación en Geografía juega un papel fundamental para que los diversos aspectos sociales relacionados con el espacio geográfico sean resaltados y debatidos con el objetivo de transformar la sociedad y elaborar posibles mejoras de acuerdo con el tema en cuestión. En el caso de la discusión de las relaciones étnico-raciales, es importante buscar una mirada geográfica sobre cuestiones relevantes para más de la mitad de la población brasileña: negros y pardos. Para que la investigación logre su propósito, debe existir un rigor metodológico, que permita el cumplimiento de sus objetivos. El presente trabajo tiene como objetivo discutir algunas posibilidades a seguir en el estudio de las territorialidades desarrolladas por individuos negros en Brasil y contextualizar la situación socioeconómica, el racismo y la discriminación hacia ellos.

Palavras-chave: Método científico, técnicas de investigación, relaciones étnico-raciales, Geografía.

Recebido em: 20/07/2022

Aceito: 19/09/2022

Publicado: 03/10/2022

Introdução

A importância social da pesquisa tem relação com o grau de relevância e impacto que determinada discussão pode levar à sociedade. É justamente este impacto que suscita uma série de movimentações em torno dos novos questionamentos apontados e das novas demandas sociais em evidência, dando origem a políticas públicas, ações de movimentos sociais, acesso a novos bens de consumo, saúde, educação etc. Como a maioria das novidades, a movimentação da ciência e as novas descobertas da pesquisa científica são amplamente discutidas por diferentes camadas da sociedade, trazendo visões distintas acerca de sua influência no meio social:

[...] estabeleceram-se três posições bem distintas da sociedade com relação à pesquisa científica:

— Atitude 1: Tem-se dado demasiada atenção às chamadas ciências básicas; grandes somas e enormes recursos humanos foram investidos em pesquisas exóticas de pouca ou nenhuma aplicação. Deve-se reduzir drasticamente o apóio econômico a esse tipo de pesquisa e incentivar, primariamente, as pesquisas que ofereçam rentabilidade imediata em termos de aplicações para a indústria, bem-estar público ou defesa nacional.

— Atitude 2: Quase toda pesquisa científica é nociva à sociedade, uma vez que ela é a fonte para as inovações industriais, as quais, em sua maioria, conduzem ou conduzirão a uma deterioração ambiental e social, ao desenvolvimento de armas que nos levarão às guerras de aniquilação ou a uma sociedade mecânica e computarizada.

— Atitude 3: Os métodos de trabalho utilizados nas ciências naturais — o chamado método científico — tem provado ser de grande sucesso na solução de problemas científicos e deve ser também empregado nas demais áreas de atividades humanas. (SALA, 1974, p.815)

A função social da ciência também perpassa pela percepção que a população geral virá a ter sobre determinada temática e quais serão os efeitos e frutos desta pesquisa àqueles que estão inseridos nela de alguma forma. Em uma sociedade capitalista, pesquisar sobre relações étnico-raciais é demonstrar cientificamente como as estruturas racistas afetam a população, inclusive nos aspectos econômicos, e como estes impactos atingem a sociedade como um todo.

Espaço e tempo são uma preocupação filosófica que persiste ainda nos dias atuais. No caso da Geografia, estes dois termos/conceitos auxiliam na elaboração do que seria o espaço geográfico, principal objeto de estudo desta ciência. É no espaço geográfico que os indivíduos vão estabelecer relações que trarão impacto ao mesmo, tanto no aspecto físico quanto social, trazendo novas proposições de

desenvolvimento, o que torna necessária a investigação científica para a compreensão destes fenômenos.

Não se trata apenas de conhecimento geográfico numa perspectiva tradicional, enciclopédica e descritiva. Importa, para além dos conhecimentos tradicionais e das metodologias tradicionais de trabalho, dotar o cidadão de uma sensibilidade acrescida para a importância do relacionamento espacial entre os diferentes tipos de objectos, de entidades e indivíduos. Ou seja, dotar o cidadão da essência da análise espacial, conjuntamente com alguma formação sobre a utilização das tecnologias apropriadas para a efectuar. (JULIÃO, 1999, p.7)

O presente trabalho tem como objetivo discorrer sobre algumas alternativas possíveis para se pesquisar a territorialização e uso do território por parte dos indivíduos negros no Brasil e para contextualizar a situação socioeconômica, racismo e segregação destes indivíduos.

No que diz respeito à metodologia, a construção da pesquisa proposta é delineada por intermédio dos caminhos traçados para que a mesma seja desenvolvida de forma eficiente através do materialismo-histórico-dialético, análise bibliográfica e análise do último censo e Pesquisas Nacionais por Amostra de Domicílios (PNAD contínua) mais recentes referentes à população negra brasileira. Com a finalidade de pesquisar a territorialização e uso do território pelos indivíduos negros no Brasil, serão levados em conta alguns processos históricos, demográficos e socioespaciais na escala nacional.

A posição materialista dialética conserva o método dialético na análise, retirando seu conteúdo metafísico, ou seja, modifica o papel do pensamento na determinação do real procurando demonstrar que tal unidade contraditória pode ser descrita e comprovada empiricamente. [...] (ALVES, 2010, p.5)

As etapas da pesquisa serão pautadas em procedimentos comumente utilizados em pesquisas bibliográficas. Neste caso, se utilizará de pesquisas em produções científicas sobre os indivíduos negros do Brasil, com a finalidade de compreender melhor o contexto do tema estudado a partir de outras produções científicas, associando a dados demográficos e socioeconômicos coletados no IBGE. Além da pesquisa bibliográfica, propõe-se que haja a compilação de dados do último censo demográfico realizado, especialmente os dados que tratam

sobre porcentagem de negros no país conforme sua distribuição pelo território, acesso à educação, taxa de natalidade e mortalidade.

Desenvolvimento

Apesar de ser um tema importante e pertinente desde o início da formação do território brasileiro, a questão étnico-racial nunca foi tratada com a devida importância pela Geografia. Esta preocupação é de grande relevância, visto que os povos da diáspora e imigrantes muitas vezes produziram seus espaços de forma diferenciada, a partir de visões de mundo muito específicas, técnicas desenvolvidas, organização política e como forma de resistência a problemas e opressões sofridas por estas comunidades. Algumas tímidas manifestações acerca de recortes raciais foram feitas, especialmente pela Geografia crítica e humanista e estas poucas manifestações ocorreram a partir da discussão sobre as diferentes concepções de nação, trazendo uma noção de “ideologia geográfica” proposta por Moraes (2005).

No caso da Geografia marxista, o homem é relacionado ao trabalho, através do qual transforma a natureza para a sobrevivência, demonstrando a relação homem-meio. A questão maior é qual a concepção de homem retratada, uma vez que esta concepção é diversa dentro da Geografia.

Já no conceito do homem, se para os marxistas há nítida clareza conceitual já a partir da sua condição de sujeito e objeto da sua própria história, num processo auto-poético, para os geógrafos o homem é uma categoria de concepção plural e vaga - indo desde o homem-habitante ao homem-população (MOREIRA, 2009: capítulo 2) -, sendo a mais vaga talvez dentro o universo dos conceitos-chave com que seu pensamento opera em sua busca da compreensão do mundo. (MOREIRA, 2009, p. 24)

Quando discutimos sobre as relações de trabalho dentro das organizações geográficas da sociedade, fazemos isso a partir da organização da paisagem e do espaço, porém é preciso considerar que esta organização acontece de diferentes formas, a depender dos grupos e condições envolvidos:

Pode-se, assim, também fazer uma distinção processual do metabolismo do trabalho em um metabolismo ambiental e um metabolismo espacial, numa concepção em que podem mostrar-se uma só unidade ou uma dualidade dicotômica, a depender do caráter social da sociedade. Numa sociedade técnica ambientalmente ambientada, são elas duas faces de um metabolismo do trabalho, que se expressam então num mesmo visual da paisagem; mas nas sociedades técnicas ambientalmente

desambientadas, viram dois movimentos que se mostram dicotômicos, dando na duplicidade histórica das paisagens naturais e paisagens humanizadas dos geógrafos de ontem, ou na paisagem da primeira natureza e paisagem da segunda natureza, ou paisagens naturais e paisagens socialmente produzidas, dos ensaios da renovação dos anos setenta, de certo modo igualmente dicotômicas quanto ao metabolismo dinâmico do trabalho. (MOREIRA, 2009, p. 25-26)

Ao retratar o homem na Geografia, é preciso que se faça um movimento de pensar sobre qual concepção de homem a que estamos nos referindo, de forma a explicitar também as especificidades de minorias sociais, especialmente, no caso deste artigo, dos negros que representam atualmente mais da metade da população brasileira. A forma como pessoas pretas e pardas se relacionam com o trabalho e a economia reflete também no processo e nas formas de uso e ocupação do território e da paisagem humanizada, o que fica muito explícito nos indicadores sociais sobre taxas de alfabetização, índice de desemprego, acesso ao ensino superior etc.

Sabemos que o impulso da relação homem-meio na geografia é a necessidade de subsistência do homem, que vai resolvê-la pela transformação da natureza nos meios de que precisa. No decurso dessa transformação, o homem cria seu espaço e assim a sua própria sociedade. O fenômeno se expressa como uma solução econômica para um problema que é histórico. O trabalho é essa atividade de transformação da natureza em meios de subsistência e de produção de novos meios sempre repetidamente. E a paisagem humanizada é o resultado geográfico desse processo. (MOREIRA, 2009, p. 29)

Quando tratamos o espaço como um reflexo da sociedade trazemos à tona a questão de que ele não é neutro. Santos (2002) vai dizer que quando se considera o espaço como um mero reflexo, o estamos colocando sob o mesmo plano que a ideologia, ainda que não haja a intenção de colocá-lo como uma estrutura.

O Brasil é um país formado por diversos grupos de indivíduos com características bastante heterogêneas, abrigando diferentes grupos sociais, etnias e religiões, que são marcados por desigualdades sociais que fazem com que o processo de territorialização destes grupos ocorra de forma distinta.

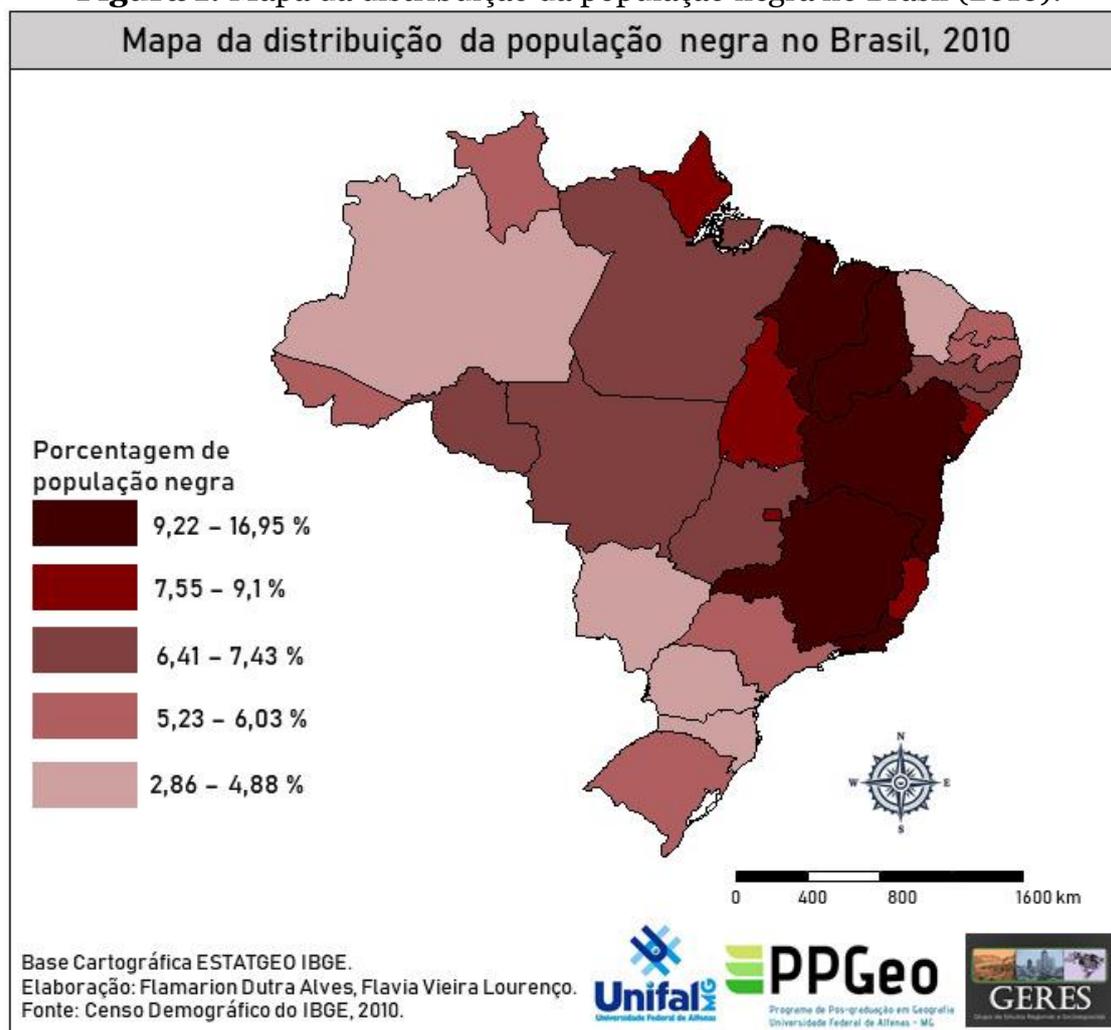
Com um recorte mais específico se tratando da população negra, de acordo com os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios PNAD (2015), 45,06% da população do país se declara como parda e 8,86% se declara como preta, constituindo assim, mais da metade da população brasileira. Entender como se dá o processo de territorialização destes sujeitos se faz necessário para o

conhecimento das formas de uso do território por essa população, como se manifesta culturalmente e sua relação com o espaço. No caso do Brasil, a pesquisa se reveste de relevância a partir do grau de importância que o país exerce na América Latina e em como estes processos de territorialização podem influenciar na dinâmica do continente.

Apesar da suposta exaltação da diversidade cultural brasileira e dos povos, algumas parcelas da população se encontram em maior vulnerabilidade social do que outras, e esta vulnerabilidade se dá especialmente pelo critério racial. Esta análise pode ser observada a partir dos dados disponibilizados pelo último censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2010 e da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) de 2015, que mostram que mais da metade da população brasileira se autodeclara preta ou parda. Especialmente a partir de 2010, com o avanço das políticas públicas de ingresso ao ensino superior, a geografia brasileira se debruçou mais ativamente sobre a discussão da temática, como uma forma de entender e analisar o contexto da construção das vulnerabilidades e desigualdades desta população, além da sua influência no processo de formação do território nacional.

Considerando o Brasil como um país com uma densidade populacional consideravelmente heterogênea, podemos perceber no mapa abaixo (Figura 1) a distribuição desigual de pessoas negras no território nacional conforme o censo de 2010.

Figura 1: Mapa da distribuição da população negra no Brasil (2010).



Fonte: IBGE (2010).

Apesar de não estarem exatamente ligadas à ciência geográfica, raça/cor são categorias de análise e conceitos importantes para a compreensão da construção das identidades. Em muitas das pesquisas sobre a temática, os conceitos utilizados são oriundos de outras áreas das ciências sociais, uma vez que este debate sob uma perspectiva antirracista é relativamente recente na ciência geográfica. A Geografia enquanto ciência tem muito a ganhar em material teórico e debates sobre os grupos negros que compõem e constroem o espaço geográfico.

O Movimento Negro, junto a outros movimentos sociais, vem tendo cada vez mais visibilidade, especialmente após o início do século XXI, o que trouxe a tona diversos debates sobre as especificidades destes grupos, suas formas de

organização, demandas de políticas públicas e demais temas pertinentes relacionados à cultura e identidades negras.

Haesbaert (1999, p.180) vai ressaltar que uma das características mais importantes da identidade territorial é que ela recorre a uma dimensão histórica, do imaginário social, de modo que o espaço que serve de referência “condense” a memória do grupo, trazendo elementos que propiciam a compreensão da formação de comunidades organizadas socialmente e politicamente.

Identificar, no âmbito humano-social, é sempre identificar-se, um processo reflexivo, portanto, e identificar-se é sempre um processo de identificar-se com, ou seja, é sempre um processo relacional, dialógico, inserido numa relação social. Além disso, como não encaramos a identidade como algo dado, definido de forma clara, mas como um movimento, trata-se sempre de uma identificação em curso, e por estar sempre em processo/relação ela nunca é uma, mas múltipla. Toda identidade só se define em relação a outras identidades, numa relação complexa de escalas territoriais e valorações negativas e positivas. Um exemplo dessa multiplicidade e deste caráter relacional pode ser dado pela comunidade negra americana, que se forma num processo de identificação em diferentes níveis que incluem a África, os Estados Unidos e sua própria comunidade de âmbito local (que pode ser um bairro ou um gueto) (HAESBAERT, 1999, p. 174-175)

A desigualdade racial é um agente de desproporção de acesso às oportunidades ofertadas em todos os âmbitos da sociedade, inclusive de uso e ocupação do território. A partir de uma análise decolonial na Geografia, é possível analisar e discorrer sobre o direito à cidade e desfrute do espaço pela população negra, uma vez que essa parcela da população encontra dificuldades de adentrar certas áreas pela desigualdade social oriunda da discriminação e conflitos com o grupo dominante.

Sugiro, desta maneira, que pensar a cidade a partir da perspectiva étnico-racial é trazer outra dimensão analítica para esse espaço. É a possibilidade de seguir na direção contrária a uma Geografia essencialista e colonial, na qual não encontramos, ou encontramos sob análises hierarquizantes, a presença de determinados sujeitos, como é o caso dos povos negros. O conhecimento geográfico com o qual estamos habituados é produzido a partir de um olhar ocidentalizado, que expressa, em muitos momentos, uma única versão e negligência a multiplicidade de histórias que podem se entrecruzar e constituir outras narrativas. Entendo que as vivências espaço-temporais dos sujeitos se distinguem e conduzem à produção de narrativas plurais e identidades que não são fixas, mas sim abertas e em constante fazer-se. Compreendo que os processos socioespaciais se constituem deste modo, pelas singularidades da vida de cada grupo étnico-racial, e que

estas, por sua vez, podem levar à formação de territórios onde são inscritos os costumes, hábitos e tradições dessas coletividades. (QUEIROZ, 2015, p. 18-19)

Dentre as diversas possibilidades, é possível analisar o uso e ocupação do território por grupos de manifestações culturais, fronteiras étnicas e territórios negros em espaços planejadamente brancos. Elementos como as religiões e relações simbólicas no espaço também demonstram o processo de territorialização.

Quanto à discussão sobre territórios negros em espaços planejadamente brancos, é interessante pensar também sobre a influência da categoria classe social/econômica no processo de construção destes territórios e o quanto a falta de estrutura pública pensada para estes indivíduos negros afeta diretamente sua qualidade de vida, taxas de mortalidade, taxas de natalidade, acesso à educação, cultura e alimentação adequada.

Outros elementos presentes como as religiões e relações simbólicas no espaço também demonstram o processo de territorialização.

Uma das formas de resistência negra mais eficazes no sentido de garantia da permanência deste grupo étnico-racial, no cenário nacional, são as religiões de matrizes africanas. Nestes territórios geográficos e simbólicos, a composição cultural que os define enquanto religião inclui não apenas aspectos estritamente ritualísticos, mas também aspectos materiais relacionados à indumentária, culinária, arquitetura e logística; outros de caráter menos material como a língua, a musicalidade; e outros mais sutis como a preservação da tradição da oralidade, dos modos de agir, ser, tratar, comportar-se. Neste sentido, acepções ligadas à divisão social de gênero estão diretamente afetadas. (WILLEMANN, 2011, p.111)

A partir da compreensão acerca da territorialização dos indivíduos pretos e pardos no Brasil e seus elementos é possível compreender o nível de influência do grupo citado no próprio processo de formação do território nacional e quais os impactos sociais eles vêm construindo desde então, tanto em seus grupos quanto na dinâmica geral do país.

Considerações Finais

Este trabalho teve como fio condutor o processo de evidenciar a temática étnico-racial na Geografia, analisando especificamente o processo de territorialização de indivíduos negros no Brasil e a importância social de se discutir a temática sob uma perspectiva geográfica, trazendo à tona discussões que há muito são deixadas de lado por uma geografia nacional que ainda é muito desatenta no que diz respeito às minorias sociais. Em um país de maioria não-branca, se faz importante pautar como os fenômenos sociais e geográficos afetam a população de forma distinta, especialmente através da discriminação racial, em interseccionalidade com outros elementos como gênero e classe e como esta intersecção afeta o uso do território por este grupo da população brasileira.

A escolha do método e das técnicas a serem utilizadas se deu a partir da necessidade de se obter dados acerca das contradições observadas na sociedade e a partir da necessidade de se pensar sobre as especificidades dos indivíduos negros brasileiros, uma vez que seus processos de territorialização acontecem de forma distinta e seus usos do território possuem algumas características específicas devido às condições de acesso dificultadas pelo racismo e discriminação.

Os estudos mais robustos sobre a temática racial na Geografia sob uma perspectiva antirracista são bastante recentes, por isso a necessidade, muitas vezes, de se amparar em outras áreas do conhecimento para essa discussão, especialmente nas Ciências Sociais.

O Brasil por ser um país racista e segregador desde sua origem, reproduz esses discursos e práticas dentro do ambiente acadêmico, trazendo tensões e suprimindo pautas e debates importantes e que poderiam justamente combater esta desigualdade. A dificuldade de se encontrar estudos robustos sobre as relações étnico-raciais na Geografia é um sintoma de uma ciência conservadora e elitista. A ruptura, ainda que tardia e em movimento, vai ampliar a concepção dos conceitos da Geografia, como Espaço, Território, Lugar e Paisagem, ao dar visibilidade a esses elementos na concepção de suas espacialidades, sejam elas econômicas, culturais ou sociais, além de trazer uma visão mais realista acerca dos fenômenos estudados.

Acredita-se que a metodologia escolhida para a realização da pesquisa em questão possa contribuir para a compreensão e melhor visualização dos fenômenos oriundos das ações dos sujeitos negros brasileiros no território.

Referências

ALVES, Alvaro Marcel. O método materialista histórico dialético: alguns apontamentos sobre a subjetividade. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 9, n. 1, p. 1-13, 2010.

HAESBAERT, Rogério. **Identidades territoriais**. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.), *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 169-190.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Conheça o Brasil - População: Cor ou raça**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html> - Acesso em 30 de abril de 2022.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: Algumas características da força de trabalho por cor ou raça**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: http://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/Trimestral/Caracteristicas_da_forca_de_trabalho_por_cor_ou_raca/Algumas_caracteristicas_da_forca_de_trabalho_por_cor_ou_raca_2016_04_tri_mestre.pdf - Acesso em 30 de abril de 2022.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: Educação 2016**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=2ahUKEwj7iYaC2sblAhWhGbkGHWJRA4oQFjAAegQIAhAC&url=https%3A%2F%2Fagenciadenoticias.ibge.gov.br%2Fmedia%2Fcom_mediaibge%2Farquivos%2F9509oddfb63a3412f04fedafd6d65469.pdf&usq=AOvVawoUmHG3oG5C83DhZUbxk9t_ - Acesso em 30 de abril de 2022.

IBGE – Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística. **IBGE mostra as cores da desigualdade**. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/21206-ibge-mostra-as-cores-da-desigualdade> - Acesso em 30 de abril de 2022.

JULIÃO, Rui Pedro. Geografia, informação e sociedade. **GeoInova-Revista do Departamento de Geografia e Planejamento Regional**, nº 0, p. 95-108, 1999.

MORAES, A. C. R.. **Ideologias geográficas**. Annablume, 2005.

LOURENÇO, Flávia Vieira. A importância social da discussão das relações étnico-raciais sob uma perspectiva geográfica. **Boletim Alfenense de Geografia**. Alfenas. v. 2, n.4, p. 232-244, 2022. ISSN: 2764-1422. DOI: <https://doi.org/10.29327/243949.2.4-13>

MOREIRA, R. **Para onde vai o pensamento geográfico?: por uma epistemologia crítica**. 1.ed., 2ª reimpressão. ed. São Paulo: Contexto, 2009. Cap. 1, p. 24-39.

QUEIROZ, A. M. M. Belo Horizonte para quem? Versões territoriais negras para um espaço planejadamente branco. **GeoTextos**, [S. l.], v. 11, n. 1, 2015. DOI: 10.9771/1984-5537geo.v11i1.12039. Disponível em:

<https://periodicos.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/12039>. Acesso em: 05 de agosto de 2022.

SALA, Oscar. O papel da ciência na sociedade. **Revista de História**, v. 50, n. 100, p. 813-820, 1974.

SANTOS, Milton. Por uma Geografia Nova. São Paulo: **EdusP**, 2002.

WILLEMANN, Estela Martini. Candomblé no Brasil: traçando uma nova geografia social de gênero, raça e classe a partir de uma proposta de sociabilidade outra. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, v. 2, n. 2, p. 108-120, 2011.